

António Henrique Cabrita

**Curiosidades da fala dos
pescadores olhanenses**

APOS

ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO

Olhão / 2008

Curiosidades da fala dos pescadores olhanenses

Autor: António Henrique Cabrita

1ª Edição electrónica - APOS (Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão)
Olhão, Junho de 2008.

R. Dr. Miguel Bombarda nº 47, 8700-503 Olhão.

apos@olhao.web.pt

<http://www.olhao.web.pt>

Baseada na 1ª Edição em papel da Separata do Correio Olhanense editada em Olhão – 1990

UMA EXPLICAÇÃO À EDIÇÃO ELECTRÓNICA (2008)

António Henrique Cabrita, autor deste livro, infelizmente nunca o viu publicado...

Podemos agradecer-lhe ter tido a percepção, no momento exacto, da necessidade de fixar no papel uma maneira de falar que irremediavelmente se iria perder nos anos vindouros. Graças ao seu trabalho, uma faceta de Olhão que nunca poderia ser fixada através de fotografias, chegou até nós e perdurará.

Infelizmente, a falta de percepção que os políticos menos informados têm para estas questões levaram a que o mesmo só fosse publicado após a sua morte e sem qualquer apoio oficial, apenas com o esforço da família e o “apoio da ‘VOZ DE OLHÃO’ (...) contra o desinteresse, a apatia, para não dizer o contragosto, das autoridades municipais”, como é referido na explicação da 1ª edição.

Seja como for, assim como a família do autor, perante esta apatia, soube seguir em frente, também a nossa associação segue em frente contra o mesmo desinteresse, a mesma apatia, para não dizer o mesmo contragosto, das actuais autoridades. A verdade é que pensamos que a sociedade civil não deve esperar, deve seguir em frente, influenciar os olhanenses e traçar o caminho que mais tarde, estes políticos menos habilitados, acabarão por seguir.

Através desta edição, nós seguimos em frente, agora com a facilidade da edição electrónica, e só com recursos próprios colocamos à disposição de qualquer interessado o conteúdo desta obra.

Olhão, Julho de 2008

António Paula Brito
Presidente da APOS

(Associação de Valorização do Património Cultural e Ambiental de Olhão)

UMA EXPLICAÇÃO À 1ª EDIÇÃO (1990)

Vai ser pela primeira vez editado em Separata o presente trabalho de António Henrique Cabrita. Quando é trazido a público tem apenas, para lá do que vale como investigação e recolha, um valor histórico posto que a maioria dos termos recolhidos se perdeu, como muitas outras coisas se perderam.

No entanto, não é este um trabalho recente. Tem já umas boas dezenas de anos — mas nunca encontrou por parte das entidades que enchem a boca de **cultura e património** vontade de edição. Citado diversas vezes em publicações da especialidade, no Boletim de Filologia da Universidade de Coimbra, na Secção de Estudos do Jornal do Pescador, no Correio Olhanense ou nas aulas do catedrático Prof. Dr. Paiva Boléo, este estudo tem porém sofrido uma surda oposição das autoridades que têm os dinheiros, os planos, os projectos e o dever de promover tais edições.

Em 1981, pouco antes de falecer, sob solicitação de diversos interessados, A. H. Cabrita entregou o estudo à «Voz de Olhão» para que o publicasse em diversos números do jornal. O óbito do autor, em 18 de Agosto desse ano não impediu no entanto a publicação, que se fez.

Algumas cartas foram então dirigidas ao jornal, por diversos leitores, sugerindo a edição em livro e pedindo à Câmara Municipal de Olhão que a patrocinasse. Por razões que só ela poderá explicar, a dita Câmara manteve-se surda a tais apelos e, não obstante anunciar com persistência uma abundante actividade editorial, durante estes nove anos que se seguiram tem optado por deixar de lado o estudo de A. H. Cabrita, sem a mais leve referência. Critérios...

Quando quem deve e pode não faz, ou se deixa de lado a ideia ou se a leva por diante pelos nossos próprios meios. Foi isso que resolvemos fazer nós, a viúva e os filhos de António Henrique Cabrita, com o apoio da «VOZ DE OLHÃO» — editar a nosso cargo a obra presente, contra o desinteresse, a apatia, para não dizer o contragosto, das autoridades municipais.

Por isso, obviamente, a «CURIOSIDADES DA FALA DOS PESCADORES OLHANENSES» NÃO É dedicada a Olhão.

- **Maria Domingas Lopes da Cruz**
- **António Henrique Cabrita (Filho)**
- **Fernando Cabrita**

NOTA PRÉVIA (à 1ª Edição)

O trabalho de António Henrique Cabrita, que a seguir publicamos dedicado ao «falar» dos pescadores de Olhão, é o resultado de uma laboriosa pesquisa do autor ao longo de vários anos.

Oito dias antes da sua morte, António Henrique Cabrita decidira-se iniciar a publicação deste trabalho.

A «Voz de Olhão» insistiu várias vezes com o autor para que ele desse à estampa, dada a inegável importância que reveste e que valeu mesmo a António Henrique Cabrita uma elogiosa referência do ilustre filólogo e catedrático da Universidade de Coimbra Dr. Manuel da Paiva Boléo.

É, pois, com justificado orgulho que recomeçamos hoje a publicação desta obra, necessariamente prejudicada pela morte de António Henrique Cabrita, que decerto a iria completando com novos termos e explicações acerca dos já recolhidos.

Mas contamos com o apoio dos Filhos do Autor para levar a termo correcto esta publicação.

Voz de Olhão - Setembro/88

NOTA DE ABERTURA

Tantos e tão insistentes têm sido os pedidos para que o faça que outra alternativa não tive senão a de, finalmente, e a partir de hoje, me decidir a dar à luz da publicidade um vocabulário (?) do característico e peculiar «falar» dos pescadores olhanenses.

Faço-o, todavia, com certo constrangimento, pois convém, desde já, deixar bem claro que este vocabulário está praticamente desactualizado, facto a que não é estranha (antes pelo contrário) a escolaridade obrigatória estabelecida no nosso País, não há ainda muitos anos (e que, em determinada altura, foi alargada a todos os analfabetos adultos, de idade não superior a 35 anos).

Deste modo, compreende-se que as gerações mais modernas e recentes, confrontadas pela escolaridade acima aludida, já não usem e utilizem o típico e original «falajar» dos seus antepassados e maiores. Exceptuando alguns dos mais idosos pescadores e «chalões» (nome dado aos vendedores de peixe e seus auxiliares, no mercado do mesmo), pode afirmar-se que tal «fala», retinta e genuinamente olhanense, que mereceu a atenção de vários filólogos, dentre os quais me permito destacar o grande Mestre Doutor José Leite de Vasconcelos (que, há uns bons cinquenta anos, se deslocou propositadamente a Olhão, para ouvir, de viva voz, da boca de pescadores da nossa terra, o seu característico «falar», anotando todos os termos que lhe pareceram mais pitorescos e genuínos ou de maior e particular interesse), tal «fala», dizia eu, está hoje totalmente ou quase, desaparecida. É, nos nossos dias, verdadeira peça de museu.

Assim, o modesto trabalho que me proponho levar a cabo, outro mérito não terá senão o de poder, eventualmente, servir de estudo para futuros interessados em questões linguísticas; nada mais será do que um contributo para as gerações vindouras que, porventura, se dediquem a estes aliciantes problemas: apenas, e talvez, um desprezioso manual de consulta para futuras investigações.

Usarei, naturalmente, e como é usual neste género de trabalho, a ordem alfabética, não total, mas apenas indicando na letra A, todas as palavras começadas por esta vogal, e assim sucessivamente, e procurarei explicar, sempre que for caso disso, a razão de ser ou a origem dos termos ou expressões registados. Que fique bem claro que todas as explicações que darei representam a minha opinião pessoal, pelo que, a cada um ficará o direito de, com elas, concordar, ou, delas, discordar. E oxalá esta última hipótese se venha a verificar, pois — di-lo o povo, e com todo o acerto, como quase sempre acontece — «quatro olhos vêem mais que dois», e, assim sendo, qualquer reparo, opinião, comentário ou sugestão para a consecução deste trabalho, serão sempre bem acolhidos e agradecidos.

Haverá, sem dúvida, muitas falhas na lista dos termos por mim recolhidos ao longo de muitos anos de trabalho e de investigação nesse sentido, falhas, das quais, aqui e desde já, me penitencio.

Terminada esta nota de abertura (ou prefácio, se assim se lhe quiser chamar), iniciemos, então, o nosso estudo sobre o curioso e peculiar «falajar» dos pescadores e homens de mar olhanenses de antigamente.

Curiosidades da fala dos pescadores olhanenses

LETRA A

- AFENAR — Afinar, melindrar-se, zangar-se
 AFÈGAR — Ofegar, respirar ruidosamente e com dificuldade
 AFEGADA (a-fê-gada) — Ofegada, respiração ruidosa e difícil
 ALCAGÓITA — Amendoim
 ÀRVELHANA — Amendoim
 ALETERNA — Lanterna
 ALGUEDAR — Alguidar
 ALGARVI — Algarvio
 ADELINA — Anilina
 ALFAIATA — Feminino do alfaiate
 ANÔA — Anã
 ANOZ — Noz
 ARRENCAR — Arrancar
 AVINÇADO — Avançado
 AMESTRAÇÃO — Administração
 ALTERMARINO e ALTREMARINO — Ultramarino
 AMANHÃO — Amanhã
 AMANHÊM — Amanhã
 ALECOR — Licor
 AMENTLIA — Amentolia
 AMANDE — Amândio (nome próprio e apelido)
 ANEMADO — Animado
 ANEMAÇÃO — Animação
 ARMANDE — Armando (nome próprio)
 ARSENE — Arsénio (nome próprio)
 ARVE — Árvore
 ATRAR ou ATERAR — Atirar
 ÁFRECA — África
 ALMAIRO — Armário
 ÁLHAME'ZE MÃ (ou MÓ) — Interjeição: Olhem-se para ele; não querem lá ver esta ou este gajo; olhem o que me está a aparecer
 ASSABÃO — Sabão
 APÁ (leia-se ÀPÁ) — Pá, utensílio
 APÁ D-AMÊJAS — Pá de amêijoas, utensílio de apanha do marisco
 ABROITA — Abrótea
 ACEDENTE — Acidente
 ARRELAMPA — Rampa, local onde se encalha o barco na muralha.
 ARRABELETA — Reboleta, andar à reboleta

APRENDER — Ensinar: anda cá quê t'aprendo [ensino)
 A'MZIADO — Encoberto e denunciado
 AGUADÉR — Aguadeiro
 AMERCA — América
 ARREMENDADO — Remendado
 AGUIDA (leia-se «A-GÚI-DA») — Agúdea
 ALMERRÓIDAS — Hemorróidas
 AMERDIAL — Hemorroidal
 ANEQUINHA — De: de Ana; o mesmo que Aninhas
 ANICA — Diminutivo de Ana
 ÁGUIDA — Águia
 ARREDOIÇA — Balouço, corda de balouçar
 ARREMATAR — Injuriar, chamar nomes pejorativos a alguém
 ARGENTE — Agente
 ABOADOR — Voador
 APREGAR — Pregar; pôr pregos em
 ABANHAR — Tomar banho de mar; nadar
 ADANAR — Nadar
 ALVEITAR — Ferrador; homem prático em tratar doenças de animais
 ARVELA — Arvéloa (pássaro)

Procurarei agora explicar a origem destes termos, muitos deles registados, não direi em todos, mas nalguns dicionários, ou como provincianismos algarvios e alentejanos ou como variantes e formas duplas dos considerados correctos.

Os termos AFÉGAR, AFEGADA, ALFAIATA e ANOZ aparecem registados, sendo o primeiro deles (AFÉGAR) indicado como provincianismo alentejano por Caldas Aulete, in «DICIONÁRIO CONTEMPORÂNEO DA LÍNGUA PORTUGUESA», e o último (ANOZ) pelo mesmo autor e na referida obra como termo típico algarvio.

Quanto a APRENDER — usado por ensinar —, foi ele objecto de um estudo meu publicado no «Correio Olhanense» de 9 de Março de 1958 e transcrito na revista «Jornal do Pescador» n.º 234 de Julho do mesmo ano, onde o procurei explicar como derivação do francês «apprendre».

LETRA B

BALSA — Valsa
 BALBA — Válvula
 BAB'LA — Válvula
 BALHE — Baile
 BALHO — Baile
 B'QUÉRÃO — Biqueirão
 BARBARIA — Barbearia
 BARIMBO — Marimbo (jogo de cartas)
 BAREMBADO — Marimbado, atrapalhado, «seringado», ficar ou encontrar-se em má situação. «Já t'ou barembado».
 BATIDO — Noticiado. «Aquilo vei batido no jornal».
 BÉCO — BÊCO
 BESCÔÇE — Pescoço
 BARBOLETA - Borboleta
 BRABOLETA — Borboleta
 BARRÉQUINHAS — Barraquinhas
 BARRÉCA — Confusão, barracada
 BERGÃO — Berbigão

LETRA C

CEPRESTE - Cipreste
 CONTIA - Quantia
 CELARIOUE — Celorico
 CÁXA — Caixa
 CÀXOTE — Caixote
 CÁXÊRO — Caixeiro
 CUATELA — Cautela
 CROJA — Corja
 CROVINA — Corvina
 CUDADO — Cuidado
 CUDAR — Cuidar
 CULATRA — Culatra, anus (termo chulo)
 C'RUJA — Coruja
 CUSTÓIDA — Custódia
 CUSTÓIDE — Custódio

CURCEFISSO — Crucifixo
 CRUCEFISSO — Crucifixo
 CORTELADA — Cutilada
 CRAVÃO — Carvão
 CRAVOËRO — Carvoeiro
 CRAVALHO — Carvalho
 CREMENOSO — Criminoso
 CRIÔSE — Curioso
 CACHUMBO — Cachimbo
 ÇABÔLA — Cebola
 CABECÊRA - Cabeceira
 CAPETÃO - Capitão
 CAGALHÃO DE PORCO — Espécie de uva
 CAGULO — Cogulo
 CANGREJA — Caranguejo
 CANGRO — Cancro
 CÃNCARO — Cancro
 CANAIRO — Canário
 CHARENGADO — Vide «Barembado»
 COCÉGAS — Cócegas
 CHÊRO — Cheiro
 CHEMAR - Chamar
 CHOMAR — Chamar
 CINZA — Sisa
 COBRADURA — Quebradura
 CORTIM — Quartinho (moeda antiga equivalente a 1\$20)
 CORTINHE — O mesmo que cortim
 CÁXA D'OCLES — Indivíduo que usa óculos
 CAGÁRRÃO — Cadeia (chulo)
 CRISANTE — Crisântemo
 CANFURNA — Buraco, Caverna
 COCRAS — Cócoras
 CAGADOIRE — Retrete
 COPRATIVA — Cooperativa
 COMPRATIVA — Cooperativa
 CONSTÃO — Congestão
 CIA! — Ver «Tcia»
 CELIMA — Cinema
 CENIMA — Cinema

O termo CULATRA usado como ânus é uma curiosa reminiscência do vocábulo latino culus (cu). Alberto Bessa, in «Gíria Portuguesa», pág. 97, indica culatra com o significado de «traseiro, assento, nádegas, ânus». Fialho, in «Barbear, Pentear», pág. 47, ed. 1920, fala dos possuidores de grandes nádegas dizendo: «Pois as culatreiras... nem por isso deixam de sobrecarregar de acessórios esse promontório dos restos digestivos». D. Francisco Manuel de Melo, in «Feira dos Anexins», II, 1, § 3, pág. 180, 2.º ed. escreve: «...por não poder com a carga estava embuchado até que rebentei pela **culatra**».

CORTELADA é um termo em que são unidos num só vocábulo duas palavras diferentes mas de igual significado: CORTE E CUTILADA: É um processo típico do falar dos pescadores olhanenses (VIDE ESTROMPIDO).

CAGARRÃO está registado como sinónimo de prisão (em gíria) pelo já referido Dicionário de Caldas Aulete.

COMPRATIVA é um típico termo popular, no qual se expressa a ideia principal que têm as pessoas acerca das cooperativas, geralmente de consumo: é o local onde se compra: Daí, a aglutinação num só vocábulo dos termos COMPRAR E COOPERATIVA.

LETRA D

DESMASIA — Troco, demasia
 DÊDAR — Deitar
 DELIGADO — Delegado
 DIABRETES — Diabetes
 DESALVORADO — Desarvorado
 DESFALECER — Falecer, morrer
 DESFALECIDE — Falecido
 DESENFELIZ — Infeliz
 DUSPIR — Despir
 DÓSPE-TE — Despe-te
 DÁBE — Diabo
 DEMÓINE — Demónio

Caldas Aulete regista o termo DESALVORADO como forma popular de desarvorado, mas indica um outro (DESALVORIDO) como expressão típica algarvia e alentejana, com o significado de desarvorado.

Teixeira de Queiroz in «Ao Sol e à Chuva» c. 8, pág. 104 escreveu: «... desalvorou com o cão e o cabrito que eu lhe dei...»

DUSPIR (e a sua forma DÓSPE-TE) são analogias fónicas com «cuspir».

LETRA E

ENTARÓSADO — Doente, adoentado ou bêbedo. Diz-se de um bêbedo: «aquele já vai entarósado».

ENGLÊS — Inglês

EMBRÓISE — Ambrósio

ESTROMPIDO — Estampido

ESCAPA — Socapa. Vender ou trazer à escapa, isto é às escondidas, á socapa.

ENFELPADO — À guerreia, agarrado um com outro.

EMPLICATIVO — Implicativo, metediço

ESTACÁSSE — Pancada, paulada.

Tal como Cortelada, o termo ESTROMPIDO reúne dois vocábulos diversos, (Estrondo e Estampido), que se reduzem à mesma ideia da estoiro, ruído.

Estacasse derivará de Estaca.

Entarósado terá talvez origem em Enterose, termo médico que designa doença intestinal.

LETRA F

FEDÓCA — Com pressa, sem cuidado (fazer tudo à fedóca)

FELPADO — Ver «Enfelpado»

LETRA G

GÓMITO — Vômito

GALDROPE — Cabo de leme das embarcações

GÓMITO aparece registado em vários dicionários.

GALDROPE também está registado por Caldas Aulete e pelo Dicionário Complementar de Língua Portuguesa, de Augusto Moreno. Trata-se de um termo provavelmente trazido pelos primeiros olhanenses emigrados para a América e daí regressados, pois tem a sua origem no aportuguesamento da expressão inglesa guide-
rope [a corda que guia).

LETRA H

HOMENAGE — Homenagem

LETRA I

INICETO — Aniceto

INIMAL — Animal

INCÓMADO — Incómodo, maçada

LETRA J

JANICA — Joãozinho

JANIQUE — Joãozinho

JOQIM — Joaquim

JÓQUENITO — Joaquinzinho

JAQUENITE — Joaquinzinho

LETRA L

LAMBARUÇE — Lambaruço, comilão

LABORDA — Abrutalhado, boçal. «És mesmo um laborda»

LETRA M

- MALA (ENCHER A) — Fartar-se. Encher-se até mais não
 MALANDRAGE — Malandragem
 MONIM — Dinheiro
 MEJÃO (M'JÃO) — Mijão
 MIJA — Acto de urinar ou mijar. «Vou-me ali fazer uma mija»
 MARICANE — Americano
 MÓSSE — Moço. «Tá quiete, mósse». Equivalente a «pá»
 MESTELA — Mistela, porcaria
 MESSIM — Mocinho, moço pequeno. «Mósse, ió messim» é expressão corrente de chamamento.
 MIS — Mas (termo marítimo)
 MINES — Menos (termo marítimo)
 MATÉIRA — Matéria
 MANHEM — Manhã
 MARQUITA — Mariazinha (de Mariquita)

MONIM é o aportuguesamento do termo inglês «money» (dinheiro). Trata-se possivelmente de vocábulo trazido pelos antigos emigrantes olhanenses que no início do século demandavam os Estados Unidos da América.

MIJA, com o significado de acto ou acção, aparece registado no Dicionário Complementar da Língua Portuguesa e, também, no Dicionário da Língua Portuguesa de J. Almeida Costa e A. Sampaio Melo.

LETRA N

- NARCIDO — Nascido
 NARCEMENTO — Nascimento
 NALGA — Nádega
 NALGADA — Palmada nas nádegas
 NA — Não

LETRA O

- Ó – Ao (vou já dêdá-le ó mar...)
 ORNAR — Urinar

ÓRINAR — Urinar
 ÓRINOL — Urinol
 OLVÊRA — Oliveira
 OLEVÊRA — Oliveira
 ÒNHITA — Pouca quantidade (poi na me deu uma «ònhita» de pão)
 OSSIGENADA — Oxigenada
 OSSISNADA — Oxigenada
 ÓVISTO — Ouvido (...tenho òvisto dizer...)
 ÓRIÇADO — Eriçado

Em ÓVISTO, tal como em Cortelada ou Estrompido, reúnem-se dois vocábulos de certo modo afins. Neste caso, a afinidade resulta de os vocábulos aglutinados se referirem a sentidos: Ver e ouvir.

LETRA P

PATESCADA — Petiscada, petisqueira
 PIANITE — Piãozinho, pião pequeno
 PADRADA — Pedrada
 PUDRADA — Pedrada
 PORRADA — Pancada
 PACAGAIO — Papagaio. Diz-se de pessoa magra: aquilo pesa menos cum «pacagaio».
 PEMENTO — Pimento
 PEMENTÃO — Pimentão
 PALE e PALES — Paulo. Fem. PALA
 PEDERNÉRA — Pederneira; Pedra de sílex
 PIADADE — Piedade
 PITA... PITA... PITA — Maneira de chamar as galinhas
 PITA — Aguardente (termo chulo)
 PRÉCURAÇÃO — Procuração
 POLMÊRA — Catarro, tosse, rouquidão
 PRENCIPE — Princípio
 PERCALHÃO — indivíduo sujo, porcalhão
 PÓRCO — Porco
 PENGUINHA — Pinguinha
 PINGA — Bebida ou bebidas alcoólicas. («Ele gosta da pinga»).

PENGALHADA — O mesmo que PINGA
 PRENCESA — Princesa
 PÊTO — Peito
 PARTECEPAR — Participar
 PARDALA — Pardoca
 PARDALOCA — O mesmo que PARDALA
 PIELA — Bebedeira
 PENTURA — Pintura
 PERCÊTE ou PRECÊTE — Preceito
 PÁLINE — Paulino. Fem. PÁLINA
 PENCEL — Pincel
 PANDORCA — Pessoa desajeitada e preguiçosa
 PANDORGA — O mesmo que PANDORCA
 POI — Pois
 PÁD — Compadre (Pád'Zé...)
 PENENTE — Poente. Vide Estudo em Apêndice

PORRADA, registado em vários dicionários, aparece indicado como termo militar por Eduardo Nobre, em «Novo Calão Português».

LETRA Q

QUATRO-OLHOS — Ver «caxa d'ocles»
 QUATRO-ORELHAS — Indivíduo atraído pela mulher
 QUARTÃ — Pequena Vasilha de barro
 QUESTÃ — Questão
 QUIÉTIM — Quietos, quietinho. «Tá quiétim, pá»

LETRA R

RABANHITA (jogar à) — Atirar qualquer coisa para o meio de muitas pessoas, de um grupo, para que uma delas a apanhe
 RASCA (estar à) — Atrapalhado, metido em sarilhos
 RASCASSADO — Vermelho, corado

LETRA S

- SACANITA — Diminutivo de Sacana
SELADA — Salada
SIAR PA'TRÁS — Remar em sentido contrário
SEZÕES — Doenças, abatimentos
SUESTE — Chapéu de Oleado. Ver estudo em apêndice.

LETRA T

- T'SENA — Eia! Grande admiração
TRÂNSITO — Transe (Fulano caiu em trânsito)
TORTAS — Termo usado pelos rapazes no jogo do berlinde, que consiste em atirar o mesmo de forma especial
TANGANHADA — Aperto de mão
TIADOR — Teodoro
TOMBINHO — Um dos andores da procissão do Senhor Morto
T'CIA — Eia; Grande admiração
TENTURA — Tintura
TENTURA D'ÓIDE — Tintura de iodo
T'FÓIDE — Tifóide
TÓJE — Tojo
TÉCULA — Tecla
TROMBÃO — Trombone
TROMBOM — Trombone
TARRINCAR — Trincar com força, mastigar

LETRA U

Não foi recolhido qualquer termo

LETRA V

- VADIASSE — Grande vadio.
VERSANADA — Vento do fim da tarde



ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO

LETRA X

XÔXA — Vazia, podre, Vagina (termo chulo)

LETRA Z

ZANA — Pressa. «Andar à Zana»: andar cheio de pressa, veloz.

APÊNDICE¹

Publicou o jornal «Correio Olhanense», em 9 de Março passado, um curioso artigo do sr. António Henrique Cabrita, sobre «Curiosidades da fala dos pescadores olhanenses».

Porque se nos afigurou do maior interesse para todos quantos vivem ligados às actividades do mar, permitimo-nos com a devida vénia transcrever o citado artigo que passamos a expor:

De entre as várias particularidades que caracterizam a linguagem da gente do mar desta importante vila algarvia, uma das mais interessantes é, sem dúvida, a existência de certo número de vocábulos de origem estrangeira.

Esta importação é, suponho, não só consequência de intercâmbio comercial e marítimo que, de longa data, tem havido entre este porto e os de Espanha e Marrocos, como, também, do espírito aventureiro dos seus naturais que, através dos tempos, têm emigrado para os mais variados e distantes pontos do orbe.

Outro facto que, possivelmente, deve também ter concorrido para a influência estrangeira na linguagem deste povo: o domínio das hostes napoleónicas, que em Olhão se fez sentir grandemente.

Baseado nestes factos, tenho procurado encontrar a explicação do aparecimento dos referidos termos estrangeiros na fala da classe marítima olhanense.

Eis as conclusões a que cheguei quanto a alguns:

SUESTE — Além da significação própria (ponto do horizonte entre sul e leste, vento que sopra desse lado), este vocábulo tem, aqui, mais a seguinte, que vem registada na última (5.º) edição de Cândido de Figueiredo, no Dicionário de Morais (9.º edição) e, possivelmente noutros; chapéu de oleado, usado pelos pescadores em ocasiões de temporal.

Creio tratar-se duma adaptação por analogia, do inglês «southwester» que tem, entre outras, a significação de chapéu impermeável de marinheiro («a saillor's waterproof hat»).

Sendo assim, como explicar a passagem para sueste?

Salvo melhor juízo, deste modo: — apenas em condições de temporal, como atrás deixei dito, os marítimos desta região usam o chapéu de oleado; como o temporal que aqui predomina é precisamente o sueste ou «suestada», o

¹ Transcrito do «Jornal do Pescador», de Julho de 1958

povo teria feito uma comparação fácil, para mais ajudada pela semelhança fonética: southwester: sueste.

Convém acrescentar que os primeiros suestes usados em Olhão, foram, segundo informações que obtive, trazidos da América por pescadores olhanenses que para esse país haviam emigrado.

PENENTE — Poente, oeste, ocidente. Suponho que a origem desta palavra é o espanhol poniente.

CULEBRA — Tenho ouvido, algumas vezes, esta palavra empregada com referência a barcos de vela:

«Aquele buque anda mais que uma culebra».

«Esta lancha desliza como uma culebra».

Julgo não haver dúvida de estarmos em presença do espanhol culebra (cobra). Efectivamente, existe uma certa semelhança entre o deslizar dum barco de vela e o rastejar duma cobra.

CHUI! — Aqui temos um termo que se generalizou de tal modo que até as camadas mais cultas o vão utilizando. Significa basta! alto! (interjeição).

A mesma interjeição traduz-se em árabe, por chuia.

Não será esta a origem do chui olhanense?

Devo acrescentar que em Lisboa, na lota da Ribeira Nova, também o chui! é geralmente empregado; porém, segundo informações que colhi, isso deve-se ao facto de ser olhanense, ou de descendência desta região a maioria dos negociantes de peixe da dita Ribeira Nova.

APRENDER — Grande número de marítimos emprega este verbo com o significado de ensinar. Assim, ouvem-se frequentemente, frases como estas:

«Sabes adanar? Se não sabes, eu aprendo-te». (Sabes nadar? Se não sabes, eu ensino-te).

«Venha cá, que eu o aprendo a remar». (Venha cá, que eu o ensino a remar).

«Se você me aprendesse a ler, ficava-lhe agradecido». (Se você me ensinasse a ler, ficava-lhe agradecido).

Qual a origem desta acepção do referido verbo?

Sobre o assunto, escrevi ao ilustre professor da Universidade de Coimbra, dr. Paiva Boléo, o seguinte:

«É do conhecimento de toda a gente, quando da invasão napoleónica da península, Olhão foi uma das terras mais duramente castigadas pelo jugo francês que aqui deixou indeléveis marcas da sua passagem. Foi Olhão a primeira localidade do Algarve (para muitos, a primeira do País) que ergueu o grito de revolta que havia de levar de vencida e expulsar do solo português as hostes imperiais. O seu feito valeu-lhe, até, por despacho real, o título de Nobre Vila de

Olhão da Restauração, que ainda conserva como um dos maiores títulos de orgulho. Nessa época, a população olhanense era, quase exclusivamente, constituída por gente do mar, que, evidentemente, deixou descendentes.

Ora, em francês, «apprendre» significa ao mesmo tempo aprender e ensinar. Não estará aqui, bem clara a explicação do aprender, por ensinar, empregado pelos pescadores olhanenses, cujos antepassados foram contemporâneos dos franceses invasores e com eles obrigados pela força das circunstâncias, a conviver?

Corroborar esta minha opinião o facto de nem todos os marítimos empregarem a palavra com essa significação, mas apenas aqueles cuja vida decorre entre a casa e o mar e que nunca frequentaram qualquer lugar, ainda que não escola, onde pudessem observar que aprender não é o mesmo que ensinar. Digo isto, porque muitos pescadores desta terra — mesmo muitos — possuem já certa apresentação e frequentam os cafés e clubes recreativos do burgo, onde, pouco a pouco, mas com segurança vão adquirindo relativa educação.»

Na sua resposta, o distinto professor escreveu:

«É realmente curioso este emprego do v. aprender, não falando já da interessante metástase, acompanhado da prótese, da forma «adanar» — (De passagem recordarei que o ingl. to learn e o alem. lernen — este último pelo menos, dialecticamente — têm com em francês, os dois sentidos, e que em português há outros verbos de significação oposta, p. ex. carece — «precisar» e «não precisar»).

Para aceitarmos a explicação que propõe seria necessário mostrar que aquele sentido do v. aprender data do princípio do século XIX. Ora eu tenho a impressão de que em português e espanhol o facto é recente. No Dicionário da Real Academia Espanhola, edições de 1716, e de 1925 não vem ainda mencionado tal sentido, nem tão pouco no «Dicionário enciclopédico hispano-americano» de 1887. A Enciclopédia Espasa (sem data, mas que é mais moderna), diz o seguinte: «Aprender en el sentido de enseñar es galicismo censurable». E nas minhas notas encontro a seguinte frase colhida numa peça de teatro: «Ay que bonito! Quién to lo aprendió, Nela?» (A Cozarelo Valledor, Sinxeba. Comédia bilingue en dos actos. Santiago, 1923).

Qual a extensão deste sentido no espanhol moderno? Só depois de esclarecidos estes dois pontos é que nos poderemos pronunciar ou pela influência francesa directa ou pela influência espanhola. Como vê, o assunto é interessante; creio que valia a pena aprofundá-lo e escrever um pequeno artigo para uma revista.»

Como se verifica, a dificuldade está em destringir se se trata duma influência espanhola próxima ou se duma influência francesa longínqua.



ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO

Têm a palavra os filólogos.

NOTA: Publicado na Voz de Olhão em 1981 e 1990.

APOS

ASSOCIAÇÃO DE VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL E AMBIENTAL DE OLHÃO

<http://www.olhao.web.pt>

Olhão, 2008